



NA MEDIDA DO IMPOSSÍVEL

Fabio Rocha

Copyright © 2001 por Fabio Rocha

Registro EDA – Biblioteca Nacional:

Nome(s) do(s)	FÁBIO JOSÉ ALFREDO SANTOS DA ROCHA
Autor(es):	
Título da Obra:	NA MEDIDA DO IMPOSSÍVEL
No. Registro da Obra:	233566
Livro:	412
Folha:	226
Data de Registro:	3/7/2001
Gênero da Obra:	POESIA
Obra Publicada:	Não

Título original: Na Medida do Impossível

Editoração eletrônica: Fabio Rocha

Endereço eletrônico:

<http://www.fabiorocha.com.br>

Índice

1. *Capa*
2. *Dados*
3. *Índice*
4. *Índice (continuação)*
5. *Índice (continuação)*
6. *Prólogo para uma poética do impossível – Ricardo Alfaya*
7. *Prólogo para uma poética do impossível – Ricardo Alfaya (continuação)*
8. *Prólogo para uma poética do impossível – Ricardo Alfaya (continuação)*
9. *Prólogo para uma poética do impossível – Ricardo Alfaya (continuação)*
10. *Prólogo para uma poética do impossível – Ricardo Alfaya (continuação)*
11. *Dedicatória*
12. *Citação – Fernando Pessoa*
13. POETRIX DE CARNAVAL
14. A SOMBRA DA METÁFORA
15. AMARGA
16. SEGUNDOS DE DOR
17. A GENTE
18. TROFÉU
19. POETRIX 2
20. PARTES
21. TELEFONE
22. UM CASO DE AMOR
23. OS PÁSSAROS?
24. NA FARMÁCIA
25. PARA ÁLVARO DE CAMPOS
26. PERFUME DE MULHER
27. HISTÓRIA DE VIDA
28. O TRABALHO LIBERTA
29. PAISAGENS DA ALMA
30. FIGURA
31. PARA O MATO OU PARA A BAHIA
32. YANNI E ENYA
33. TANGO MIO
34. TRASH
35. REVELAÇÃO
36. A SOMBRA DA SOMBRA DA FLOR
37. HÁ UM POEMA A SER DECLAMADO
38. HÁ UM POEMA A SER DECLAMADO (*continuação*)
39. A CÉLULA DORME?
40. DIA ÚNICO
41. DIADIA
42. ESMOLA
43. CEGOS, SURDOS E LOUCOS
44. UNWORKAHOLIC
45. EUS
46. NOVA UERJ
47. BUROCRACIA
48. REAL IDADE
49. POETRIX ELETRÔNICO

50. MOTIVOS PARA ME FUMAR
51. TRAÇOS
52. METAMORFOSE
53. PROJETO POEMAS
54. À MEIA-NOITE, AMEI À NOITE
55. AI
56. EM BOA HORA
57. O RIO
58. GÊNIO
59. SERIA O FIM
60. CONSTATAÇÃO POÉTICA
61. O NÃO HAVER
62. RAÍZES
63. ENTRE
64. É HOJE O DIA
65. IBOPE
66. VIDA BESTA
67. POESIA HOJE EM DIA
68. IF
69. POEMA MEGALÓPOLE
70. ESPELHO
71. AUTO-ANÁLISE
72. ALEGRIA
73. DESPROFISSÃO
74. RIO FRIO DA JANELA
75. O CACHORRO DO POEMA
76. ESTRANHO
77. DESEJO
78. MODERNIDADE
79. ALTO
80. ANIVERSÁRIO DE MARISE
81. CONSTRUÇÃO INTERROMPIDA
82. ROTINA
83. A VERDADE
84. CARGO
85. A CASA DO CAMINHO
86. GRAVIDADE
87. GUIA
88. UMBIGO
89. UMA LUZ
90. O UIPARURU CANTA
91. AGRADECIMENTO
92. EDUCA-CÃO
93. DIÁRIO
94. ALVORECER DA REALIDADE
95. MAIS MAIS VALIA
96. MAIS MAIS VALIA (*continuação*)
97. A BOA GEOGRAFIA
98. LETRAS
99. RÁPIDO
100. FINGIDOR
101. A MARISE

102. TROTE
103. CANÇÃO DO EXÍMIO PRESIDENTE
104. DESLIGADO
105. ECONOMIA
106. É COM VOCÊ
107. AMARELO VERMELHO
108. VISÃO
109. E AGORA?
110. DIARIAMENTE
111. VOO LIVRE
112. NÃO
113. A OBRIGAÇÃO DESTA DATA
114. LADRÃO
115. CREPÚSCULO
116. COF
117. BRASIL
118. DIVINO
119. NA MEDIDA DO IMPOSSÍVEL
120. *Biografia*

PRÓLOGO PARA UMA POÉTICA DO IMPOSSÍVEL

por *Ricardo Alfaya*

Depois de “*A Magia da Poesia*”, 2000, livro de estréia no qual o poeta carioca Fabio Rocha reuniu uma seleção de poemas escritos desde 1994, o Autor brindou seu público, em março deste ano, com o belíssimo “*Tudo pelos Ares*”, sobre o qual também tivemos o prazer de tecer alguns comentários. Embora tenha apenas 25 anos de idade, o trabalho de Fabio tem chamado a atenção dos leitores de poesia, além de vir obtendo diversos prêmios em concursos. Assim, estimulado pela boa receptividade, praticamente em seguida ao lançamento anterior, o poeta oferece este “*Na Medida do Impossível*”, que, justamente pela proximidade no tempo com “*Tudo Pelos Ares*”, incentiva a observação das sutis nuances diferenciais presentes no terceiro trabalho, nas quais se percebe a expressão da singularidade que o constitui.

Para começar devemos admitir que, individualmente considerados, quaisquer dos poemas de “*Na Medida do Impossível*” poderiam figurar em “*Tudo pelos Ares*”, sem prejuízo das qualidades de unidade de conteúdo, originalidade de discurso e sabor da palavra tão ressaltadas por nós naquela Obra.

Por outro lado, se enganará quem, em função disso, imaginar que “*Na Medida do Impossível*” seja apenas mera repetição. Na verdade há um “*plus*” neste terceiro livro, pois o conjunto de poemas, escrito no período de fevereiro a junho de 2001, assume um certo caráter de diário. A substituição do diário em prosa por um fazer poético quase diário assinala uma das tendências da produção poética contemporânea, sobretudo nos tempos pós-Internet. Já a poeta Rosy Feros teria sugerido o fenômeno, ao intitular seu belo e premiado livro como “*Tecendo Diários*”. Aliás, não sem razão, Rosy vem desenvolvendo animadamente a atividade dos “*blogs*”, sistema que constitui um retorno aos diários, mas em forma pública e eletrônica pela Rede. Entretanto, se Rosy o sugere, Fabio Rocha torna explícito o fenômeno da substituição, quando o refere claramente no poema “*Diário*”. O mesmo poema soma ainda um outro ingrediente, que diz respeito à própria proposta do livro como um todo, assunto sobre o qual falaremos mais adiante. Repare-se, a propósito, no texto mencionado:

DIÁRIO

*Parei de escrever
diários.*

*Agora
minha poesia quase diária
já fala sobre tudo
que não faço.*

*E não tenho
que pôr pingos nos is.*

Assim, tudo que o poeta experimenta e com que interage eventualmente se pode tornar objeto de sua pena: o telefone ocupado, a notícia do jornal, a imagem na tela da TV, a lembrança da namorada, a borboleta que passa (ou que se imagina que passa), a efêmera peculiaridade de um determinado momento. Em geral o registro é curto e não se limita à tentativa do relato conforme a realidade, no que se diferencia da linguagem dos diários. Os fatos são transformados em razão das urgências poéticas do Autor. Desse modo, a poesia, enquanto diário, revela-se, paradoxalmente, um antidiário.

Porém, não apenas por essa razão constitui um antidiário. Ao leitor não terá passado despercebido o sutil detalhe do poema acima transcrito: a poesia de Fabio, enquanto diário, diz daquilo “*que não faço*”. A afirmação provoca estranheza. Afinal, em poucas obras de poesia se constata a presença de um poeta tão variado e itinerante. Desde seu livro de estréia, Fabio Rocha percorre atento o movimento das menores coisas, caminhando reflexivo, lírico e lúdico por notável diversidade de temas.

Observe-se que eu disse “caminhando”. Também Cecília Meireles, poeta expressamente homenageada nos versos de Fabio, tinha essa característica da observação das coisas. Quem lê Cecília, tem a sensação da riqueza do mundo. Cecília inúmeras vezes desce às minudências das coisas, capta detalhes de folhas e insetos, o significado de um gesto, da transformação de uma linha da face. Porém, quando estamos com Cecília não temos a sensação do poeta em movimento; sim, pleno de atitude contemplativa.

De outro modo sucede com a poesia de Fabio que se mobiliza junto com o movimento das coisas e do mundo. Ele não apenas contempla, interage, está dentro do absurdo vulcão dos acontecimentos. Fabio cursou Engenharia Elétrica na Universidade Federal do Rio de Janeiro, durante cinco anos, sem concluir o curso. Optou pelo de Administração de Empresas, que faz atualmente na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Em sua poesia ele fala de seu trabalho e de seu estudo, bem como de tudo que lhe sucede: elogia, briga, dialoga, sofre, diverte-se, critica, “*chuta latas*”, ama, manda “*tudo pelos ares*”; sobretudo, os “ares” da Rede, conforme me observou numa de suas mensagens.

Logo, esse “*que não faço*”, longe de relacionar-se com um estado de inatividade permanente do Autor, vincula-se a dois outros aspectos. O primeiro equaciona de maneira sutil o fazer da poesia com o imprescindível tempo de ociosidade necessário ao fazer artístico. O tempo do poema é, portanto, o tempo do “*não-fazer*”, o tempo “inútil”, isto é, o registro diário poético somente se pode dar quando o indivíduo se vê por fim desembaraçado das “utilíssimas” e estressantes obrigações impostas pela sociedade contemporânea, sem as quais não é possível sobreviver. Daí, a opção pelo

poema de linguagem concisa, verdadeiros “*cortes*” impostos pelo poeta aos ditames da realidade. Realidade que absolutamente não aceita e com a qual não concorda, atitude expressa em vários poemas, e bem claramente no belíssimo trabalho intitulado “*Para Álvaro de Campos*”.

Temos aí, portanto, o primeiro ângulo em que a “*medida possível*”, o poema conciso, medida imposta pelo escasso tempo e condições em que o poeta é forçado a trabalhar, resulta numa “*medida impossível*”, posto que desfalece o poeta numa sensação de incompletude. Por incompleto, rarefeito e disperso, ignorado pelas grandes editoras e apartado de um público mais amplo, e ainda em meio ao tiroteio das cada vez mais múltiplas e individualizadas manifestações da poesia existente, o “*fazer*” termina por assemelhar-se a um “*não-fazer*”.

Quanto ao segundo aspecto, do “*que não faço*”, ele encaminha à reflexão maior que atravessa a Obra. Reflexão que, no início desta apresentação, dissemos tratar-se de um importante diferencial em comparação com “*Tudo pelos Ares*”. Refere-se à união criticamente realizada pelo poeta entre a crise poética e as crises social, política e existencial.

A primeira pista aparece já no título do livro. Em seguida, ganha maior nitidez com a alusão introdutória à Obra, feita a partir do seguinte trecho do poema “*Tabacaria*”, de Álvaro de Campos, um dos heterônimos de Fernando Pessoa:

*“Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso tenho em mim todos os sonhos do mundo (...)”*

Por fim, o significado surge inteiro após a leitura dos diversos textos, quando chegamos ao excelente poema-título, estrategicamente colocado no final do livro, o último que se lê, no qual o Autor retoma e amarra a idéia central que lhe inspirou a organização do conjunto:

NA MEDIDA DO IMPOSSÍVEL

*Queria arrombar com versos pesados
as portas do Paraíso.*

*Escritos com o sangue dos expulsos
e a revolta das gerações infindas.*

*Queria voltar ao que nos pertence
com um poema
na medida*

do impossível.

Portanto, o segundo significado para aquele “*não-fazer*” diário, correlaciona-se com a aparente ausência de sentido daquilo que fazemos em nosso dia-a-dia, o que inclui o próprio fazer poético. Se o que fazemos não “*faz sentido*”, equivale, em última instância, a um “*não-fazer*”. Logo, o “*Paraíso*” aludido no poema tanto pode ser percebido num sentido físico (social e político), metafísico, quanto metalingüístico.

Pode-se com propriedade concluir que Fabio Rocha se insere na herança cética e nihilista que vem desde nomes como Fernando Pessoa e Drummond. Ceticismo e nihilismo esses que se tornaram constantes e cada vez mais recorrentes na poesia em geral praticada nas duas últimas décadas anteriores à virada do Milênio, como um autêntico mal de “*fim-de-século*”. Entretanto, a conclusão, resumida nesses termos, não me parece que iluminará o melhor entendimento da escrita do poeta, tampouco trará a lume o detalhe que revela sua peculiaridade.

Sim, porque é disso praticamente que se alimenta a boa poesia feita em nosso tempo: ser capaz de um detalhe peculiar, que lhe seja inteiramente próprio, por mínimo que seja, dada a enxurrada de autores existentes, em sôfrega experimentação diária de todas as formas, palavras e recursos.

Um desses traços incomuns diz respeito justamente ao desassombro com que o poeta expõe todo fazer como um “*não-fazer*”. Não se trata apenas, como se tornou habitual constatar ou falar, da relativa inutilidade do fazer poético, ou da aparente “*falta de sentido*” da existência. A negação em Fabio atinge um limite extremo, posto que sequer reconhece realidade, concretude, em todo pretense fazer da atividade humana. Trata-se de uma operação de caráter tão radical que, mais do que conduzir a uma amargura drummondiana ou a uma angústia à Fernando Pessoa, termina, paradoxalmente, por atingir um caráter libertário e transcendente.

Nada de choro ou ranger de dentes. Tampouco sucede como em alguns personagens de Samuel Becket, cuja consciência da inutilidade de qualquer esforço conduz praticamente a um imobilismo que se resume à espera de um “*salvador*” *Godot*. Ao contrário, em Fabio Rocha é quase com serenidade, com intimidade, com absoluta leveza, com humor e até mesmo com declarado orgulho, que o poeta conduzirá o leitor à constatação do fato. Chega a recordar a atitude dos orientais quando nos revelam com voz mansa que “*o mundo é ilusão*”.

E aqui se revela por fim o último traço especial na escrita de Fabio Rocha. Traço que, sem dúvida, começa já a situá-lo, aos 25 anos, como um poeta do Terceiro Milênio. Se a sobrevivência ao total desencanto de tudo conduz à liberdade, o que fazer dessa liberdade, se todo fazer encontra-se de antemão condenado a ser um “*não-fazer*”?

A única resposta que parece possível diante de tão desconcertante quadro é partir para uma atitude inaugural calcada em nova ordem de valor. Não basta constatar, como Álvaro de Campos, que se tem em si “*todos os sonhos do mundo*”. Não basta, se continuamos a achar que a realidade possui valor maior do que o sonho. E que por possuir maior valor, sugerido pela aparência de solidez, a ela cabe o direito de manter contidos e quietos no abissal fundo do eu os sonhos que se tenha.

Se todo fazer configura na verdade um “*não-fazer*”, então a realidade é “*nada*”. Nesse caso, o sonho, o desejo, que se situa numa dimensão que transcende essa realidade lhe é superior. A realidade dirá que o sonho é impossível. Todavia, que legitimidade, que autoridade terá a realidade para falar, se, em última análise, ela é feita de “*nada*”? Talvez por isso, Borges, afinado com o budismo, entendesse que a poesia não se devia submeter à realidade, mas sim, exercitar-se na expressão do sonho, do desejo.

Considerando-se por esse prisma, a expressão “*Na Medida do Impossível*” despe-se de sua aparente ironia e negatividade para adquirir o sentido maior de um desafio a ser vencido. De certo modo, toda a expressão passa metalingüisticamente a referir ao próprio fazer poético. A poesia que tiver capacidade, força e originalidade para expressar os internos “*sonhos do mundo*” realizará em si a impossível medida. Ora, tudo isso possui um singular e fascinante sabor inaugural e transcendente, um explícito e ousado convite à ação. Um tom, portanto, muito diferente do ceticismo amargo ou do nihilismo paralisante, presentes em grande parte da poesia do Século e do Milênio passados.

Por fim, não me parece demais salientar que “*medida do impossível*” remete sonoramente a “*menino impossível*”. Diz-se de um menino “*impossível*” quando seu comportamento recusa a forma, rejeita o molde. Se pensarmos assim, reconheceremos que todo bom poeta possui algo de “*menino impossível*”, que “*faz arte*”. Jesus também foi Menino, sem dúvida animado por uma missão que sugere o impossível: fazer com que cada um ame ao Outro como a si mesmo. O possível é o existente, o conhecido, o assimilável. Todavia, como diria o grande psicólogo Wilhelm Reich, em “*O Assassinato de Cristo*”, toda criança que nasce contém em si a potencialidade para a plena realização, desde que a sociedade “*não assassine o Cristo latente que existe em cada criança*”. Somente a criança ou aquele que puder tornar-se uma, poderá pretender inaugurar e realizar o impossível. Igualmente apenas dessa forma, conforme vaticina Jesus, habilitamo-nos a ascender ao Reino. Ou, como percebeu Fabio Rocha, exclusivamente com atitudes e versos “*Na Medida do Impossível*” estaremos aptos a “*arrombar as portas do Paraíso*”.

Rio de Janeiro, 27 de novembro de 2001.

Ricardo Alfaya, poeta, contista, cronista, ensaísta, editor e jornalista carioca.

Para Marise de Sousa, minha borboleta azul preferida.

“Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso tenho em mim todos os sonhos do mundo (...)”

Álvaro de Campos (Fernando Pessoa)
TABACARIA

POETRIX DE CARNAVAL

Para Marta e Carlinhos

A bateria passa
e minha alma de confete
serpentina.

25/2/2001

A SOMBRA DA METÁFORA

Para Roberta e Marcelo

De certo que esta montanha não é sorvete.
Mas a sombra da nuvem, negra,
que desce vagarosa por ela
lembra, quente,
cobertura de
chocolate.

25/2/2001

AMARGA

O carnaval acabou,
a Mangueira não ganhou
e acordei amargo
com a boca amarga
sem amar ninguém.

1º/3/2001

SEGUNDOS DE DOR

Martelar o dedo
bem ali na unha
gritar como Nietzsche
que Deus está moooooooooorto!

Depois vem a culpa
a dor do pecado
o pedir perdão
dedo ensangüentado.

6/3/2001

A GENTE

Oxalá
agente
ache
achará da
engraçada.

6/3/2001

TROFÉU

O tricampeão
dos triglicerídeos
triturou a truta
tramando trapaças.

Traçou,
traçou,
traçou...

E a taquicardia
atacou-o tanto
que acabou tomando
vatapá no prato.

7/3/2001

POETRIX 2

Arde o fogo
e mertiolate
sem cachorro.

7/3/2001

PARTES

Para Andréa

Te acho
em partes
em outras.

Nunca são inteiras.

Nos olhos outros,
partes.

Nas falas outras,
partes.

Nas manias outras,
partes.

Partes eternamente...

Uma alvorada
que finge brilhar
e escurece.

7/3/2001

TELEFONE

Ocupado?
O cupido,
o culpado.

7/3/2001

UM CASO DE AMOR

Sorria a tarde...
Só ria tarde,
pois a noite vinha.

8/3/2001

OS PÁSSAROS?

O sol renascia.
Bocejadamente abri a porta.
O horizonte se escondia atrás das árvores.

Entro no estábulo de folha
e alimento minha criação.
Do balde ao chão:
consoantes, dígrafos, cedilhas...

Comem caladas.
Levo duas ao colo e as embalo,
dou tapas nas costas, faço de tudo
mas não rimam.

Foi quando estranhei um estranho estranho ali parado.
Sem métrica para prendê-las,
todas voaram, cheias de sons pensados,
para seus olhos.

12/3/2001

NA FARMÁCIA

Para as mulheres
com beijos de fuga,
infinidade de nós pelas costas,
plenitude de nove-horas
e olhar de adeus,

o melhor remédio
é indolor, trissílabo e não tem reações adversas:
distância.

14/3/2001

PARA ÁLVARO DE CAMPOS

Ah, este ser aí sentado,
mão no queixo, olhos perdidos,
cercado de excesso por todos os lados,
não sou eu.

Eu sou o que há escondido
sob as camadas de pele, gordura, músculos, ossos e raiva.

Meu anseio é brutal,
quer comer o incomensurável...
e quer estar sozinho, como tu, poeta!
Soltem nossos braços!

Este anseio leva meu eu a pisar forte a realidade e suas teorias malditas,
cerrar os punhos, trincar os dentes e pular,
com a força de seus versos vivos,
como nunca se pulou antes.

Seguindo o conselho dos ventos,
na ascensão impossível,
babo chuva no grito absurdo contra as leis da gravidade.
E me agrada não encontrar
o teto do céu.

Caio como uma bomba
de nada.

Esse aí parado...
não...
não sou eu.

15/3/2001

PERFUME DE MULHER

Ó, lânguida e alva...
Teu marido não se encaixa nesse terno
(como eu nesse mundo)
e olhas, curiosa, os outros a comprar, sempre alva.

No teu olhar vejo que não achas respostas.

Pareço te conhecer do cinema...
Me nego a te querer, uma pena...

Mas a vida não é cinema:
Teu marido gordo não entrará nesse terno,
não sinto seu perfume,
não sou cego,
não há pista de dança
e não sei dançar tango.

20/3/2001

HISTÓRIA DE VIDA

Quando pequeno,
estudei bem.

Passei no vestibular
e estudei mais.

Então trabalhei muito.
Sempre... Muito...

Morri.

21/3/2001

O TRABALHO LIBERTA

(Inscrição na entrada dos campos de concentração Nazistas)

Choro com o hino.
Adoro futebol, sou feliz
com meu povo, meu país!

Trabalho nos cigarros Pigar
como business executive director
(encho a boca pra falar).

Com a venda do câncer, sei que vai dólar pra lá.
Mas isso não importa.
Meu superior sabe me estimular...

Quando x-cluídos
me pedem esmola
mando trabalhar, ora!

Incongruente?
E o sociólogo presidente?

21/3/2001

PAISAGENS DA ALMA

Para Fernando Pessoa

Minhalma do contra
em si, se desmonta
das paisagens externas.

Multidões, festas, confusão
exalam solidão
no silêncio de meu interior.

Dias de chuva maneira
tocam sonatas e simples alegrias
no céu de meu ser caseiro...

que tantas vezes
se perdeu em partes
em portos estranhos
sem navios, sem gente, sem mares,
seguindo apenas as ondas fortes
de seus versos, Pessoa, tamanhos.

23/3/2001

FIGURA

Para Cecília Meireles

Existo porque o instante é canto
e minha vida não é reta.
Se fosse curva, menos mal,
mas é quina incerta.

24/3/2001

PARA O MATO OU PARA A BAHIA

Aperto o passo
e o tempo encurta.
Quero partir.

Mas não parto.
Ah, realidade maldita!
Trinco os dentes
e nunca parto.

Adio a data,
invento desculpas...

E permaneço,
com a dor do parto
por não partir.

(Falta tempo, falta tempo...)

30/3/2001

YANNI E ENYA

Ah, queria eu fazer arte assim...
Como essa música que fortalece
e acalma.

Exalta, explode em tempestade
e liberta.

Depois escorre
como lágrima em paz
pelo rosto do infinito.

Pinga nos corações secos
e vai como um rio
irrigando sonhos
e espalhando vontade
por toda a humanidade.

Quem tiver ouvidos,
que ouça.
(almas de mãos dadas).

31/3/2001

TANGO MIO

Perdi o passo.
Sem equilíbrio,
pisei no pé do caos.

Meu ócio antigo
Se embriagava no bar,
cercado de inimigos.

O sonho não realizado
fumava-se, cabisbaixo,
num degrau abaixo.

Adivinhei minha esperança inteira
lá fora, no beco de Bandeira,
mendigando.

Ah, se em minha alma
Tocasse funk...

31/3/2001

TRASH

I can try
to write in English.

I can cry
seeing that garbage.

But I'll
be crying in English.

1°/4/2001

REVELAÇÃO

Eu me esqueci no armário.

Pensei estar vivendo,
estudando, trabalhando, sendo!

Pensei ter amado e odiado,
aprendido e ensinado,
fugido e lutado,
confundido e explicado.

Mas hoje, surpreso,
me vi no armário embutido
calado, sozinho, perdido, parado.

1º/4/2001

A SOMBRA DA SOMBRA DA FLOR

Pessoa, companheiro múltiplo,
por que fede esse mundo
se é feito de pessoas perfeitas?

Todos têm, compram, podem, sabem, são.
Nós dois, que ilusão...

Do mar de méritos,
só vejo merda.

E sinto orgulho de ser
nada.

1º/4/2001

HÁ UM POEMA A SER DECLAMADO

Senhores, um minuto de sua atenção.
Há um poema a ser declamado.

Uma luz, por favor.
Obrigado.

Leio a árvore morta
nesse lugar cercado de cimento,
treinamento para nossa cova.

E penso na vida.
Ah, se entender a vida
fosse como acender a luz...

De certo, no centro desse silêncio, Deus ri da tentativa...
Não sou nada e tenho orgulho, Senhor.
Isso me lava muita culpa, muita dor.

Eis aqui meu bacharelado em não ser
que mostro com tanto prazer
a ninguém que quer ver.

Se dos céus virão respostas,
não quero esperar,
nem escutar.

Quero a agonia presente no presente incerto
dado em algum Natal esquecido do passado
e sem futuro.

Hoje leio aqui e alguém me ouve.
Basta.
No mato, em algum lugar, uma vaca.
Pasta.

Ah, a simplicidade do não saber...
Só é vencida pelo não querer saber.
E não sei o que quero.

Talvez queira despertar em quem me ouve
algo que não encontro em mim.
Dou rodopios em teorias inúteis
e a vaca come o capim.

Quem sabe eu tente
me encontrar nas palavras...
A vaquinha coça em sua barriga uma larva.

O fato é que aqui está algo escrito
e deve ter algum valor...
A vaca faz um som estranho
e cai no mato um cocô.

Senhores, me dêem licença.
É uma desleal concorrência.
Vou fazer minha mala
e sair no mundo para matá-la.

3/4/2001

A CÉLULA DORME?

Queria saber
que célula burocrata
fica aqui contando
as calorias que ingeri
e fazendo memorandos
pra me engordar ou emagrecer.

Ora, vá catar mitocôndrias
ou procurar uma rede
(de qualquer tecido)
pra dormir.

4/4/2001

DIA ÚNICO

Com o sono da manhã,
a descoberta alvorada:
céus não seu repetem.

5/4/2001

DIADIA

Um rio de lágrimas
corta minha solidão íntima.

Alma escura, fria, silenciosa.
Dia claro, quente, barulhento.

Meu eu se desfaz
em sorrisos falsos.

5/4/2001

ESMOLA

Senhor, não quero o seu Real.
Basta uma Ideologia.

O Socialismo se engasgou na fila do Mc Donald's.
O consumismo martelador quebrou o muro inquebrável.

O que eu faço?

Administração de Empresas
e jogo Street Fighter.
(com Ryu e Wolverine ninguém me ganha)

Tenho 25 anos,
não vejo cor fora de uma tela,
não escuto estrelas que não gritem,
não me encaixo em nenhum quebra-cabeças
e meu pai diz
que não sei mastigar com calma.

9/4/2001

CEGOS, SURDOS E LOUCOS

Meu professor de canto
era surdo-mudo.
Com ele aprendi
a olhar os cantos dos cômodos.

E foi num desses becos de Bandeira
que um cego me ensinou
a errar os caminhos.

9/4/2001

UNWORKAHOLIC

Meu adormecer é como nascer
e o despertar parece uma morte.
A rotina está de doer
e não acho um corte.

Sobre as costas feridas
levo o peso do chumbo e quero a leveza do ébrio.
Deve faltar alguma nina em meu cérebro...
e alguma Nina em minha vida.

12/4/2001

EUS

Para Marise e Pessoa

Meu eu literário quer vencer o mundo,
meu eu real não quer sair do quarto.
Meu eu literário consegue ser profundo,
meu eu real, só pra falar já é um parto.

Meu eu literário conquista,
meu eu real perde.
Meu eu literário é comunista,
meu eu real no Mc Donald's se diverte.

Meu eu literário existe,
meu eu real finge.
Meu eus se encontram, tristes
no cinza do egoísmo que os tinge.

15/4/2001

NOVA UERJ

Para Marise

De hoje em diante
o faraônico cinza
não será tão cinza.

Suas mãos me afagam as cinzas,
seus beijos queimam vida,
sua língua (a chama) chama, chama...

Tudo isso na paz dos ventos
e das placas amarelas.
(Inacreditavelmente...)

Tudo é novo com seu abraço,
que me junta os pedaços
e me abrasa as brasas.

Sem fumaça, queimamos devagar no crepúsculo.
E pra sempre verei nas paredes cinzas
de seus olhos verdes.

16/4/2001

BUROCRACIA

Para Weber

Em caso de dúvida,
veja o anexo invisível
e sorria.

20/4/2001

REAL IDADE

Sou alienado consciente.
Trabalho em greve interior.
Me falam de dor de dente,
ouço poemas de amor.

20/4/2001

POETRIX ELETRÔNICO

No momento não posso escrever.
Deixe o seu olhar
após o final.

20/4/2001

MOTIVOS PARA ME FUMAR

Pigarro o Fígaro
e escarro
cigarros.

Esbarro o fígado
e estrago
cigarras.

Estouro de tétano
com cheiro
de carro.

Espero ovíparos
arranharem
catarro.

Escuto Ícaro
se a dor
me borra.

20/4/2001

TRAÇOS

Para Marise

Tracemos
e amemos.

Plenos,
serenos,
extremos...

Amenizemos
os "a menos".

22/4/2001

METAMORFOSE

Para Marise

Mudo.

Ali estava, no trabalho...

Respirando fumaça de cigarro e um pouco de ar.

Imaginando quando ia acabar.

Sem trabalhar, na verdade.

E desenhando sem pensar...

Sorrateiramente, vi uma borboleta azul-esferográfico.

Observei atentamente a Metamorfose:

Uma borboleta transmutando em M.

Seu M, borboletando em meu silêncio:

A vida é Mais.

23/4/2001

PROJETO POEMAS

Para Marise

projeto poemas
protejo dilemas
tropeço problemas
trovejo morfemas
revejo esquemas
remeto apenas

26/4/2001

À MEIA-NOITE, AMEI À NOITE

Para Marise de Sousa e Raul Seixas

Continuo na descontinuidade.
Alegra-me não me alegrar
com nada.

Pois o feliz desse segundo
é infeliz no próximo
e vai seguindo.

Sem máscaras redondas,
bengalas de teorias
ou chapéus de planejar.

Chutando latas,
sentado no quarto,
antevendo luas azuis
por janelas fechadas.

Sinto a sede dele.
De beber o inebebível.
Sede burra
incrível.

As palavras brotam,
arrotam...
E quero beber agora
Coca-cola.

Cafeína e cocaína geladas, negras, misturadas...
Para não dormir e não acordar
pensando que não fiz nada
e que acabou o feriado.

30/4/2001

AI

Uma coisa engraçada:
só tiro o chinelo
pra dar topada.

30/4/2001

EM BOA HORA

Há quem diga
que eu devia fazer Letras,
aprender a declamar...

E daqui a cem anos
o sucesso chegará.

(Muito embora
eu viva agora.)

30/4/2001

O RIO

Eu sou o rio que nasce cristalino
querendo acarinhar as pedras
e dar de beber aos passarinhos.

Eu sou o rio que corre empurrado pela lei da gravidade
com pressa, com lama, com gana, sem tempo
para apreciar o caminho.
(Tudo o que quero é chegar.)

Eu sou o rio que pára
ao encontrar o mar
e que se enche de sal
e de vontade de voltar.

30/4/2001

GÊNIO

Não tenho tudo que amo
Mas não amo tudo que tenho.

Corro atrás de minha sombra
com todo o meu empenho.

30/4/2001

SERIA O FIM

Ana...
Se estivesses de pijama
e eu sem um lança-chamas...

30/4/2001

CONSTATAÇÃO POÉTICA

Entender o sentir
é como dançar azul,
cantar a lira,
jurar o medo,
beber a pira,
sorrir azedo.

30/4/2001

O NÃO HAVER

Não há borboletas azuis em Maria da Graça.
Há vermelhas, há silêncio, há desgraça...

Não há borboletas azuis em Maria da Graça.
Há laranjas, há bem-te-vis, há lagartas...

Não há borboletas azuis em Maria da Graça.
Há amarelas, há cigarras, há fumaça...

Mas não há borboletas azuis em Maria da Graça.

30/4/2001

RAÍZES

E me sentei ao sol
sob a velha marquise.
Escrevi sobre tudo,
só pensei em Marise.

30/4/2001

ENTRE

Para Marise

Entre mim e mim
há vastidões de silêncio.

Vontades empoeiradas
seguem placas desorientadas.

Sonhos novos e antigos
brigam
invisíveis
inimigos.

Entre mim e você
há legiões de querer.

1º/5/2001

É HOJE O DIA

“Vamos celebrar a estupidez humana.
A estupidez de todas as nações.”

Renato Russo

Pessoas numa fila monstruosa
em torno do Maracanã
às cinco da manhã...

Esperam para desembolsar
cinquenta reais
e ficar no gramado (self-service)
à noite, pra não ver o céu estrelado:

Hoje a UERJ fechou
por causa do show
dos Backstreet Boys.

Não, não era uma revolução...
Não, não era uma guerra...
Não, não era uma greve...

Hoje a UERJ fechou
por causa do show
dos Backstreet Boys.

Por que não parar também
trânsito, hospitais, tudo...

Declaremos feriado
e deixemos o compadre Washington
assumir a presidência do senado.

quinta-feira, 3/5/2001

IBOPE

Filho,
estude o menos possível,
não tenha caráter,
não leia,
não saiba nada sobre coisa nenhuma.

E um dia... ah, um dia
a maioria da população brasileira,
as famílias inteiras se sentarão para jantar
vendo e ouvindo atentamente você
na TV.

3/5/2001

VIDA BESTA

Para Drummond

Hoje eu quero
me desfazer em versos
pois espero
o dia lesma passar.

Almoço
purê de batata
mastigando devagar.

A tarde
no trabalho
arde demoradamente.

Preso no trânsito,
penso em nada,
sem pressa.

Chego em casa
e caso com a cama
num abraço vagaroso.

3/5/2001

POESIA HOJE EM DIA

No nada cinza
caço borboletas mortas
com a rede furada
para expô-las no dia que não chega
onde ninguém vê.

3/5/2001

IF

Se fazer poemas
fosse falar difícil
quereria eu ser
o síndico deste edifício
ou o porta-voz da presidência.

3/5/2001

POEMA MEGALÓPOLE

Para Casimiro de Abreu

Não cheiro flores, cheiro gás...
não vejo mares, vejo gris...
não rimo amores, rimo ais...
não ouço estrelas, ouço imbecis...

E insisto em escrever poemas.

3/5/2001

ESPELHO

Ah, quero falar
de amor vivido
neste poema reticente...

que se multiplicará
sempre que lido
em rostos diferentes.

3/5/2001

AUTO-ANÁLISE

Espero a vida que virá
espirro o vulto que passou
espremo o vento a chorar
ao relento do que sou.

6/5/2001

ALEGRIA

Para Drummond

E eu aqui nesta cidade,
cercado de realidade,
aumentando a minha idade,
alérgico a felicidade,
procuro flores no asfalto.

8/5/2001

DESPROFISSÃO

Escrevo poemas.

Não sou mais rico,
não sou mais feliz,
não sou mais nada.

Mas sou.

9/5/2001

RIO FRIO DA JANELA

Há uma nuvem cinza
no meio da briga
entre a retidão dos prédios
e a incerteza dos morros.

10/5/2001

O CACHORRO DO POEMA

Me perdi em Madureira de noite.
Quando me achei, meio bombeiro,
chutei velas de macumba na porta de casa.
Dormi e acordei:

Meu cachorro morreu afogado.
Fui fazer duas provas, anestesiado,
com os olhos secos e os tênis molhados.

Não xinguei os taxistas
nem liguei o rádio.
Meu cachorro morreu afogado.

O perdi
pras águas com cloro da piscina
e pra terra dura do quintal.

O silêncio
de minha janela
me pesou.

E constatei abobado
que cachorro afogado
é menos quando é dos outros.

10/5/2001

ESTRANHO

É estranho
mas, certas vezes,
quando cerro a mão direita
com a raiva habitual,
não vejo nela
o dançar do fogo dourado
e chego a pensar
que não sou um anjo de Deus.

15/5/2001

DESEJO

Algo belo enfim:
mulheres de jeans.

Melhor ainda apertado
e acompanhado
de blusinha com nó
e mochila sem dó.

Ah, que nudez em pelo
pode vencê-lo?

Por isso o jeans
é difícil de sair.

Por isso o homem
é difícil de amar.

15/5/2001

MODERNIDADE

Filmei minhas férias.
Pra quê
se nunca consigo ver?

17/5/2001

ALTO

A poesia é um GRITO
contra todos
os meus silêncios.

17/5/2001

ANIVERSÁRIO DE MARISE

Hoje juntei palavras bonitas,
erradas e não ditas...

Misturei com imagens
de espelhos e viagens
que não fizemos...

E tentei consertar
tudo num poema.
Como se amar
não fosse o caos.

18/5/2001

CONSTRUÇÃO INTERROMPIDA

Há um lugar
com ar no ar.

Onde árvores
não são
exceção.

Onde a música
cresce, verdece
até ficar inerte
nas almas que não se perdem.

BUM!

Foi tiro?
Foi bomba?
Caiu a bolsa?

Há cura para o caos?

Minha irmã com sede
há dois dias
não tem tempo
pra beber água!

Boa noite.

A vida não pode ser
tão agradável
quanto encontrar um louco
no elevador!

18/5/2001

ROTINA

Sempre penso em variar
e sempre peço o mesmo:
morango ao leite.

Cheiro a cigarro.

Sempre vou para a sacada
e vejo no céu crepuscular
nuvens de morango ao leite.

Cheiro a cigarro.

Passa uma garça.
- Não te avisaram que isso é uma cidade?
Trabalhar não tem graça.

UERJ, 21/5/2001

A VERDADE

Sempre sonho com o dia
em que a vida seja quente.
Mas a noite é sempre fria
e os humanos, descontentes.

21/5/2001

CARGO

Sou diretor
dessa fábrica
de nada.

Nada produzo,
nada ganho,
mas não perco tempo com bobagens.

21/5/2001

A CASA DO CAMINHO

Caminho.
Esterco.
Sempre me perco.
Não quero chegar.

Pelos campos imaginários
Levo palavras e saudades
Em minha inutilidade.

Respiro palavras
e ouço as larvas
nos casulos.

Elas,
sem janelas,
respiram também.

Ah, quanto céu...
O barro no pé
é de Manoel.

Sorriso
ao molhar as mãos no rio
escrito.

(Por vezes
me acho
em riachos)

Meu objetivo de vida
é ser casa demolida
com pombos
nos escombros.

24/5/2001

GRAVIDADE

A pedra
que levo
no nome
me some
o peso.

24/5/2001

GUIA

Nos sinais reais das cidades escuras,
vejo a dança dos átomos
e sigo símbolos do Batman.

24/5/2001

UMBIGO

Para Marise

Palavras perdidas
em sua barriga
o ponto final.

24/5/2001

UMA LUZ

Nosso presidente sociólogo:
uma ilha sublime de incompetência
cercada de ladrões por todos os lados.

25/5/2001

O UIRAPURU CANTA

O Uirapuru canta.

Depois dessa sala,
depois desse prédio,
depois desse trânsito,
depois dessa favela,
depois dessa igreja
depois dessas árvores...

O Uirapuru canta
e não há como ouvir.

25/5/2001

AGRADECIMENTO

Agradeço à penhascosa engenharia
me empurrar tanta teoria
e deslocar minha teimosia
de pedra para a poesia.

25/5/2001

EDUCA-CÃO

Para Paulo Emílio

Vamos, filho...
Acorde antes do sol,
ponha seu uniforme branco,
pegue o trem dos anônimos
e vá aprender a não criticar.

25/5/2001

DIÁRIO

Para Fábio e Eduardo Neto

Parei de escrever
diários.

Agora
minha poesia quase diária
já fala sobre tudo
que não faço.

E não tenho
que pôr pingos nos is.

26/5/2001

ALVORECER DA REALIDADE

Quando eu acordar,
por favor,
alguém me desperte.

26/5/2001

MAIS MAIS VALIA

Para Gustavo Bayer

Mais mais valia.
Mais mais valia.

O salário vale menos.
O trabalho vale menos.
O trabalhador vale menos.

Mais mais valia.
Mais mais valia.

A cada guerra,
nova tecnologia,
menos emprego.

Mais mais valia.
Mais mais valia.

A cada crise,
os fra(s)cos se esvaziam
e o capital se fortalece.

Mais mais valia.
Mais mais valia.

A educação (a serviço dos fortes)
ensina aos fracos
como não entender nada.

A televisão (a serviço dos fortes)
engana a todos
com sua inútil distração.

Os sindicatos, os direitos trabalhistas conquistados em 200 anos,
tudo a serviço dos fracos
se acaba.

Não há mais como mudar nada.
O sistema venceu.
Só mesmo Deus...

Onde está Deus?!
Nas nuvens, com suas barbas brancas,
festejando, a tirar fotos nas tempestades.

28/5/2001

A BOA GEOGRAFIA

A nudez de santa dura
ao toque
é macia escultura,
viola de orvalho.

Seguro teus cabelos
e solto meus zelos.

Meu corpo quente
quer te banhar
semente.

29/5/2001

LETRAS

Muito mar.
Azul sem fim.
Rio do
infinito.
Soluça no céu uma borboleta.
E é da cor predileta.

29/5/2001

RÁPIDO

Maria varria.
O mar estribilha.

O poema
não tem tempo.

29/5/2001

FINGIDOR

Aulas inúteis,
conversas fúteis,
(modelos referenciais,
variáveis exponenciais,
tédios abissais...)
cheiro de cigarro,
o trânsito, os carros...

Nada melhor
para fazer poemas de amor.

29/5/2001

A MARISE

Cada vez que te vejo
entontece o desejo
e cintilam lampejos
de amar.

29/5/2001

TROTE

Pato, pata,
Porco, porca,
Pingo d'água,
mosca morta,
cerca branca,
velha torta,
branca vaca,
negra bosta,
tudo passa,
tudo passa,
tudo passa,
tudo passa;
tudo passa.

Tudo passa...

Epa...

O poema empacou.

29/5/2001

CANÇÃO DO EXÍMIO PRESIDENTE

Minha terra tem mil rios
e luz vamos racionar.

Mutilaram a classe média,
bancos a elogiar...

Bom pro FMI
pra nós é ruim pra danar.

Minha terra tem lugares
onde tudo há de apagar.

E os políticos corruptos
no poder, cansam de estar.

Minha terra tem pessoas
incapazes de votar.

Mas agora, no escuro,
a esquerda há de ganhar!

2/6/2001

DESLIGADO

Apague a TV.
Esse refletido na tela
é você.

5/6/2001

ECONOMIA

Beijo pouco
porque a paixão morre um pouco
a cada beijo.

6/6/2001

É COM VOCÊ

*“Vós sois Deuses.”
Jesus Cristo*

A vida.
A guerra.

Se há vida,
há guerra.

E só vence
o sistema.

Mas emperra
quando uma voz qualquer
berra.

Ou se grita
Ou os mortos se enterra.

7/6/2001

AMARELO VERMELHO

No entardecer,
as árvores escuras
(no limite da fotossíntese)
deixam de filtrar do céu
as saudades escondidas,
as vontades vencidas,
as imagens perdidas...

No entardecer
descem, tarde,
nossas almas e cores
até nós.

7/6/2001

VISÃO

A maioria das pessoas
que me olha
vê alguém
cheirando a suor e cigarro
num carro, com a barba por fazer,
depois de arrastar uma geladeira.

Quase ninguém nota
que levito,
quase a tocar aquela longínqua montanha inexistente,
com o crepúsculo a me sussurrar nas palmas abertas
e palmeiras dançando brisas logo abaixo.

Levito de leve e tento levar o leitor a lavar.

A lavar dias
que não deviam ser
e ser brotado de
poesias e alegrias
verdes.

(Os mais corretos veriam que não faço nada.)

7/6/2001

E AGORA?

Para Marise

Nuvens espremem
o sol da aurora.
- E agora?

O facho dourado
é um sinal divino
- Não és mais menino.

Os cúmulos-nimbos
venceram o brilho
- Dance no cinza e faça um estribilho.

8/6/2001

DIARIAMENTE

Radial oeste congestionada sentido Centro:
Camarão quente mastigado com vidro dentro.

9/6/2001

VÔO LIVRE

Para Marise

Que o vento lunar
sobre a sua estrela.

Certa ou incerta, passará
por tantos outros olhos
admirados, encantados, estrelados...

Sempre deixando
um rastro perfumado
de brilho
e asas azuis.

9/6/2001

NÃO

Para Marise

Não!

Não vão agora
doer as árvores os avôs os gramofones.

Não...

Deixa-os lá, José.
(e deixa-os cá, José.)

Deixa estar.

Ah, se o amor desse em pé...

9/6/2001

A OBRIGAÇÃO DESTA DATA

É dia dos namorados.
Dia marcado pra namorar e comprar
ou chorar.

Como sou do contra,
não choro,
não compro,
nem namoro.

11/6/2001

LADRÃO

Não roubava...

Jogava baralho
com suas próprias regras
seguindo a linearidade ética
das sobrancelhas
de Jader Barbalho.

11/6/2001

CREPÚSCULO

O céu era tão largo
que entonteci
de beleza.

Mas quando desabou molhado
compreendi
sua incerteza.

O asfalto refletiu os carros
e eu me ri
da limpeza.

Na cidade sem prado
quase senti
a natureza.

12/6/2001

COF

Tua gripe
denigre
o negro
da alma
é grego
pro papel
de grato
que atuas
por um prato
que comes
ingrato
e tosses
e tosses
e tosses
e cobres
os cofres
de limo
escorre
cobiça
preguiça
pecados
pecados
culpados
os outros
os outros
espirra
espirra
de milho
a guarda
aguarda
pancada
cabeça
nada.

13/6/2001

BRASIL

A sociedade bisonha:
lixões, Piauí, Vales do Jequitinhonha...

Uma criança
por hora
por fome
vira anjo
chora homem.

Empresa
de morte
repete
a linha
de produção
pra terra:

Uma criança
por hora
por fome
vira anjo
chora homem.

E nós aqui
escrevendo palavras
enquanto se come
farinha com água.

18/6/2001

DIVINO

Pus luz
na folha, olha:
Adeus, treva... a Deus, trova.

24/6/2001

NA MEDIDA DO IMPOSSÍVEL

A Beethoven

Queria arrombar com versos pesados
as portas do Paraíso.

Escritos com o sangue dos expulsos
e a revolta das gerações infindas.

Queria voltar ao que nos pertence
com um poema
na medida
do impossível.

24/6/2001

Biografia

Retirado do PD-Suplementos / Sábado com você de 24/11/2001, com atualizações



"Nada é para sempre,
exceto sua alma."

FABIO José Alfredo Santos da ROCHA vive no Rio de Janeiro, onde nasceu, em 04 de junho de 1976. Cursou Engenharia Elétrica na Universidade Federal do Rio de Janeiro (mas não concluiu o curso) e se formou em Administração de Empresas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. FABIO é FABIO mesmo — como MARIO, o Quintana, é MARIO — sem acento, o que ele explica em versos:

ESCOLHA

A Drummond

O meu Fábio é Fabio.
Nem nasci, tropeçavam em mim.

Tive então duas escolhas:
Ser pedra ou poeta.

Fora isso, é muito pouco o que ele diz de si mesmo:

"Quanto a falar de mim, é a parte mais difícil (sorri, disfarçando). Acho que comecei a escrever por dois motivos: sempre gostei demais de ler e admirava os escritores (de prosa ou verso) que conseguem transmitir pros leitores algo que inspire, emocione ou faça pensar. O outro motivo é que falo pouco (sorri, certo de que está justificado). Então, alguns anos depois de começar a escrever poemas, comecei a fuçar na Internet e aprendi a fazer páginas. E como não tinha nada melhor para colocar na homepage, pus uns poemas. Eu não esperava, mas deu certo. Hoje já são mais de 350 mil visitantes e o site ganhou vários prêmios. Foi isso que me estimulou a escrever mais e participar de concursos. Também tive várias surpresas boas e conheci pessoas maravilhosas e cheias de talento, graças a ele. Pessoas que, infelizmente, a mídia em geral não mostra, mas que estão a apenas um clique de distância".

Deu certo mesmo. Ao longo de um tempo historicamente curto — ele começou a escrever em 1994, aos 18 anos de idade — FABIO ROCHA publicou vários livros e juntou um monte de premiações em concursos. Seus poemas estão nos seus livros (de papel e eletrônicos), em vários sites de língua portuguesa, são notícia de jornal e até andam de ônibus. Como foi o caso do seu poema "A Magia da Poesia" que circulou no *Busdoor* colocado na traseira dos veículos de Blumenau, no período de outubro a dezembro de 2000. Foi este poema que deu nome ao seu primeiro livro, publicado em janeiro de 2001. Depois, vieram mais vários, eletrônicos, todos disponíveis para leitura no seu site pessoal. É lá que o leitor vai conhecer o máximo que o poeta fala de si:

<http://www.fabiorocha.com.br>

Caro(a) Leitor(a),

A poesia, para estar viva, precisa de olhos. Não basta o papel. Obrigado pela leitura.

Este é um trabalho independente e gratuito, que pode ser distribuído pela internet.

Se tiver gostado, mande aos seus amigos. Caso contrário, aos inimigos... 😊

Uma das coisas de que mais gosto é ver estes versos se espalhando como vírus pela grande rede...

Um grande abraço e obrigado mais uma vez,

Fabio Rocha

e-mail: fabiorocha@fabiorocha.com.br

site: www.fabiorocha.com.br